

EXECUTIVO / Vaga desde a queda de Onofre de Moraes, flagrado em vídeo criticando o governador Agnelo Queiroz, a direção da Polícia Civil é um dos cargos mais cobiçados do Buriti. Tudo pela influência que a corporação exerce na esfera política do DF

O poder de atração da polícia

» ALMIRO MARCOS
» MARIANA BRANCO

O mais recente escândalo que deixou vago o cargo de diretor da Polícia Civil provocou uma guerra de currículos e dossiês na disputa para quem irá suceder Onofre de Moraes, abatido por um constrangedor vídeo em que aparece fazendo críticas ao governador Agnelo Queiroz. O posto é um dos mais cobiçados na estrutura de poder da capital da República. Quem ocupa a direção comanda os policiais mais bem pagos do país e tem em suas mãos uma eficiente máquina de investigação, que muitas vezes acaba sendo usada para fins nada republicanos.

Desde quinta-feira, quando Onofre deixou o comando, foram ventilados cinco nomes para o cargo (veja quadro), mas o Buriti ainda não está certo quanto ao substituto. Conforme o *Correio* mostrou ontem, o governador Agnelo busca um delegado de passado limpo e capaz de unir os diversos grupos políticos que integram a instituição. A definição deve ocorrer no início da semana. A principal preocupação dos setores ligados à Segurança Pública no DF é que uma escolha equivocada mergulhe ainda mais a corporação em uma crise que se arrasta desde a greve do ano passado. “É uma posição de muito prestígio e poder. Afinal, o indicado será o chefe da polícia da capital da República. É a coroação da carreira de um policial civil”, diz uma fonte da área de segurança ligada ao Palácio do Buriti.

Mas o principal atrativo do cargo é, na verdade, sua proximidade com a esfera política. Tradicionalmente, por exemplo, o diretor-geral, embora subordinado ao secretário de Segurança, se reporta diretamente ao governador. Além disso, as investigações conduzidas pela Divisão Especial de Repressão aos Crimes contra a Administração Pública (Decap) têm potencial para incomodar muita gente e valem ouro no jogo político. Durante a gestão de Mailine Alvarenga, por exemplo, a Decap

vinha investigando políticos como o ex-governador José Roberto Arruda, o ex-secretário de Transportes Alberto Fraga e o deputado Benedito Domingos (PP).

Outro símbolo do poder político da Polícia Civil é a presença de integrantes da corporação em postos de poder. Há diversos egressos da instituição em cargos estratégicos nos poderes Executivo e Legislativo do DF. No Buriti, o agente aposentado Cláudio Monteiro é secretário-executivo do Comitê Organizador Brasília 2014, o homem forte da Copa do Mundo. Alírio Neto, também delegado aposentado, é secretário de Justiça. O delegado Miguel Lucena foi presidente da Codeplan durante quase todo o primeiro ano de governo.

Na Câmara Legislativa, a presença da Polícia Civil também é forte. A categoria comanda a vice-presidência e a Corregedoria da Casa. Delegado linha dura, Dr. Michel (PSL) é o vice-presidente e atua fortemente para assumir a presidência no segundo biênio. Wellington Luiz (PSC) comandou o Sindicato dos Policiais Civis do DF (Sinpol) por 11 anos, até se licenciar em janeiro deste ano para assumir uma cadeira na Câmara, onde é corregedor. A “bancada da bala” conta ainda com Cláudio Abrantes (PPS), que é agente de polícia há quase 15 anos.

Escolha

Com tamanha importância, a escolha do sucessor de Onofre de Moraes é uma tarefa espinhosa. O governador Agnelo e o secretário de Segurança Pública, Sandro Avelar, estão em intensas conversas desde quinta-feira, mas até agora não definiram o nome. Durante o cumprimento de sua agenda oficial na manhã de ontem, Agnelo não falou sobre o assunto. De acordo com o porta-voz do GDF, Ugo Braga, não há prazo fechado para a indicação do sucessor. “O governador Agnelo está escolhendo o nome do novo diretor com cautela e não definiu uma data para anunciar. O que importa é o perfil técnico”, afirmou.

Memória

Carlos Vieira/Esp. CB/D.A Press - 10/1/11



Janeiro de 2011

Agnelo Queiroz assume o governo e indica a delegada Mailine Alvarenga para o cargo. Ela não estava ligada a nenhum grupo político e recebeu críticas por ter perfil basicamente técnico. Era criticada por grupos da própria Polícia Civil e por deputados distritais da bancada de segurança. Ficou no cargo até novembro.

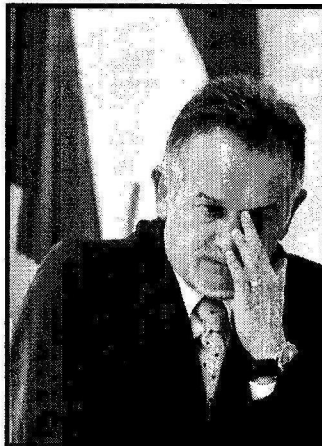
Final de outubro de 2011

Em plena greve de policiais civis, vazam escutas telefônicas da Operação Shaolin, que apurava o envolvimento do policial militar João Dias em irregularidades no programa Segundo Tempo, no Ministério do Esporte. Em uma das escutas, o PM pede ajuda a Agnelo Queiroz, então diretor da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Foi a gota d'água. Em novembro, Mailine Alvarenga é destituída do cargo por não ter o controle da corporação.

3 de novembro de 2011

Onofre de Moraes assume a direção-geral da Polícia Civil. Mesmo que ele tenha sido uma indicação

Breno Fortes/CB/D.A Press - 8/12/11



com fundo político, chega com um discurso moralizador, garantindo que a instituição passaria a ter um perfil muito mais técnico e nada político. Logo que assumiu, trocou todos os diretores e delegados titulares. As mudanças feitas por ele na estrutura interna da corporação desagradaram vários setores.

31 de janeiro de 2012

Em entrevista ao Correio, Onofre de Moraes se defende de acusações feitas a ele pelo delegado aposentado Durval Barbosa, delator do suposto esquema de corrupção descoberto pela Operação Caixa de Pandora. Durval depôs à Polícia Federal (PF) afirmando que o diretor-geral da Polícia Civil teria oferecido propina de R\$ 150 mil para “calar” o jornalista e blogueiro Edson Sombra, que vinha fazendo críticas ao governo. O fato estaria gravado. Na entrevista, Onofre garante que a denúncia estava ligada às investigações feitas pela Polícia Civil em relação a Durval Barbosa e a Sombra, que teriam desagradado esses

correio braziliense.com.br/Reprodução de Vídeo/D.A Press - 2/2/12 18:28:14



últimos. “Se tiverem alguma coisa contra mim, que mostrem. Eu não me importo. Enquanto eu for diretor da polícia, não vou me curvar nem para Edson Sombra, nem para Durval Barbosa”, diz o então diretor.

1º de fevereiro de 2012

Após a entrevista, é divulgado o vídeo em que Onofre de Moraes aparece fazendo críticas ao governador Agnelo Queiroz. Onofre ainda não era diretor-geral da Polícia Civil quando as imagens foram feitas, em junho do ano passado. “Quando o seu governador tiver saindo do camburão da Polícia Federal e eu estiver aposentado e vendo, eu só vou falar: pede à diretora (Mailine Alvarenga) para tirar ele”, dizia o delegado. As imagens foram publicadas em primeira mão pelo site do Correio ainda na madrugada.

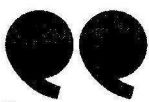
2 de fevereiro de 2012

Acuado e constrangido, Onofre de Moraes entrega o cargo três meses após assumir a direção. Ele pede desculpas às

autoridades que teria ofendido na gravação e anuncia sua aposentadoria. Agnelo Queiroz afirma que não havia mais condições para o delegado permanecer no cargo.

Atualmente

O diretor-adjunto João Rodrigues assume interinamente o cargo. Depois de ter de indicar o terceiro diretor em pouco mais de um ano de governo, Agnelo Queiroz vem avaliando com calma as opções de nomes. Ele procura um candidato com o passado limpo, respeitado pelos colegas, diplomático e sem vínculos políticos. Os nomes cotados até agora são: Maurílio de Moura Rocha (chefe da Segurança Institucional da Câmara Legislativa), Jorge Luiz Xavier (membro da inteligência de Segurança Pública), Cláudio Moura Magalhães (subsecretário do Sistema Penitenciário) e Eric Seba (chefe do Departamento de Polícia Circunscricional). O último nome a aparecer no páreo é o de Raimundo Vanderly (titular da 17ª Delegacia de Polícia-Taguatinga Norte).



O governador Agnelo está escolhendo o nome do novo diretor com cautela e não definiu uma data para anunciar. O que importa é o perfil técnico”

Ugo Braga,
porta-voz do GDF